

ESTUDO SOBRE O USO DO FACEBOOK NA EDUCAÇÃO: CONTINUANDO UM RELATO

Larissa Alves Machado¹
Joelianne de Menezes Cabral²
Francisco Ranulfo Freitas Martins Júnior³

Resumo: Diante a época contemporânea e as mudanças corriqueiras que a mesma acaba impondo em variadas áreas sociais, incluindo o âmbito educacional, é importante discutir as expectativas e exigências delas a formação e a atuação do professor. Visando verificar se o *Facebook*, como rede social passível de aplicação no meio educacional, traz benefícios a prática docente, fora realizado e já publicado, em 2016, um levantamento, via pesquisa bibliográfica, no período compreendido de 2010 a 2015. Nesse estudo, foram comportados 40 *papers* de escopo no uso do *Facebook* na educação. Diante do exposto, o objetivo do presente relato de pesquisa é expor a continuidade desse trabalho, de modo a demonstrar como ele foi ampliado pela inserção de mais 16 *papers*, relativos ao ano de 2016, de mesmo escopo da temática supracitada, bem como pela inserção de mais 20 *papers* publicados entre o período de 2010 a 2015. É esperado que as discussões provenientes das categorias produzidas pelo método da Análise do Conteúdo de Laurence Bardin, a partir do processamento dos resumos desses 36 trabalhos, que indicam possibilidades educativas para o *Facebook*, oportunizem novos pensamentos e ações didáticas a professores e alunos das várias modalidades educacionais, além de novos encaminhamentos a pesquisadores da área da Educação.

Palavras-chave: *Facebook*; Educação; Novas metodologias.

Abstract: *In view of the contemporary age and the common changes that it ends up imposing in various social areas, including the educational scope, it is important to discuss the expectations and the demands of them the formation and the action of the teacher. In order to verify whether Facebook, as a social network that can be applied in the educational environment, brings benefits to the teaching practice, was carried out and already published, in 2016, a survey, via bibliographic research, in the period between 2010 and 2015. In that study, they were behaved 40 papers on the use of Facebook in education. In view of the foregoing, the objective of this research report is to expose the continuity of this work, in order to demonstrate how it was expanded by the insertion of 16 more papers, related to the year 2016, of the same scope of the aforementioned theme, as well as by the insertion of another 20 papers published between the period of 2010 to 2015. It is expected that the discussions coming from the categories produced by Laurence Bardin's Content Analysis method, from the processing of the abstracts of these 36 papers, which indicate educational possibilities for Facebook, give new thoughts and didactic*

¹ e ² Licenciandas em Química e ³ Mestre em Ensino de Ciências e Matemática.

¹, ², ³ Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, *campus* da Universidade Estadual do Ceará.

¹ larissa.machado@aluno.uece.br; ² joelianne.cabral@aluno.uece.br e ³ ranulfo.freitas@uece.br

actions to teachers and students of the various educational modalities, as well as new referrals to researchers of Education.

Keywords: *Facebook; Education; New methodologies.*

INTRODUÇÃO

Em pleno século XXI, grandes efeitos são desencadeados na ciência e no ramo tecnológico, os quais oferecem demasiadas revoluções em todos os campos. O campo educacional sofrera de igual forma algumas desses efeitos, alguns dos quais acabaram por melhorar a qualidade de vida da sociedade, por influenciar nos processos formativos de escolaridade. Desse modo, o presente artigo retrata as mudanças corriqueiras no que diz respeito ao ensino e suas tecnologias educacionais, que estão avançados por causa de interações dialogadas socialmente via mídias sociais, em especial o objeto de estudo do trabalho aqui despendido, a rede social *Facebook* e suas possibilidades pedagógicas. Em vista disso, compreende-se que a instituição provedora do ensino (escola) carece de novos métodos educacionais para suprir as necessidades da utilização contínua de uma nova linguagem digital, praticada por grande parte dos alunos contemporâneos, denominados de nativos digitais.

Kenski (1997) corrobora com a perspectiva citada ao dizer que os conhecimentos abordados na escola não devem ser restritos, no sentido da apropriação, somente no espaço escolar, sendo ampliados para ambientes informais de aprendizagem. Assim, esse conhecimento passará a ter um viés social e contextualizado.

Machado, Silva e Martins Júnior (2016, p. 3) afirmam que “[...] torna-se inevitável à reavaliação dos desafios que limitam o uso dessa rede social na educação, em vista as modificações no cenário tecnológico de comunicação e informação, que diariamente possibilitam interatividade em tempo real e de alcance aos mais diversos públicos”. Assim, pois, é possível partir do princípio de que, as relações sociais contemporâneas estabelecidas a partir dos agrupamentos sociais no ciberespaço, associadas ao uso da internet como dispositivos de comunicação, avançam as reflexões e as perspectivas atuais sobre aprendizagem social e gestão do conhecimento. Nesse sentido, como parte integrante da cultura social das sociedades modernas, a lógica de “estar em rede” determina largamente os processos que envolvem sociabilidade, fornecendo através das tecnologias da informação a base da sua extensão à sociedade (SOARES, 2010).

Porém, Leite (2014) alerta que

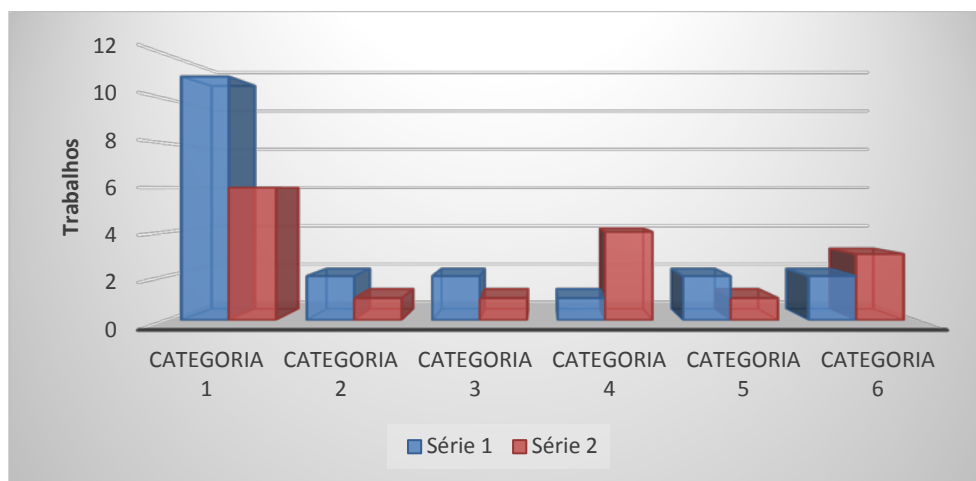
Mesmo considerando que, atualmente, o acesso das novas tecnologias foi ampliado de maneira substancial, numa dimensão de espaço-temporal nunca antes vista, atingindo

boa parte da população, mesmo em áreas distantes e em um curto espaço de tempo, observa-se que os avanços no sentido de transformar e qualificar o processo de ensino através da adoção de um novo modelo ainda caminha a passos lentos (LEITE, 2014, p. 120).

Diante do exposto, este artigo se propõe a substanciar o pensamento contemporâneo de um novo modelo de ensino suportado por tecnologias, dando ênfase a continuidade do trabalho publicado em 2016, sobre a ótica do uso do *Facebook* na educação, propiciada pela análise e expansão do trabalho de Machado, Silva e Martins Júnior (2016), o qual resultou num montante de 40 trabalhos (captados dos repositórios: Google Acadêmico, *Scielo* e Portal de Periódico da Capes).

Partindo desse objetivo, fora desencadeado, no ano vigente (2017), um novo levantamento bibliográfico sobre o objeto de estudo supracitado, o qual consta de 36 novos trabalhos publicados entre os anos de 2010 a 2016⁴. Esses trabalhos foram categorizados, após processamento de seus resumos, pelo método da Análise do Conteúdo de Bardin (2011), sendo sintetizadas seis temáticas (1 – O *Facebook* como ferramenta pedagógica, 2 – O uso do *Facebook* na formação inicial do professor, 3 – O uso do *Facebook* na Educação Básica, 4 - O uso do *Facebook* na área de Ciências Humanas e afins, 5 - O uso do *Facebook* na área de Ciências Naturais e 6 - O uso do *Facebook* na Educação Superior). As categorias estão divididas em duas séries, Série 1 (20 trabalhos de 2010 a 2015) e Série 2 (16 trabalhos de 2016), conforme expõe o Gráfico 1.

Gráfico 1 – Quantitativo trabalho/categoria



Fonte: os autores

⁴ referências disponíveis em: <https://drive.google.com/open?id=0BzKpwYeDbWLcNFRXbEFBYVJLRFU>

A justificativa da continuidade do trabalho se dá pela possibilidade do estudo do uso dessa rede social como ferramenta de potencialidade pedagógica, arraigando ao ensino melhorias e disponibilidade de enriquecimento do processo de aprendizagem, uma vez que, conforme estipula Patrício e Gonçalves (2010, p. 593): “[...] estamos a viver o auge das redes sociais, impulsionados pelo caráter social e pela ideia de partilha, aliado a um ambiente informal, atrativo e catalisador, contribuindo para que cada vez mais jovens adiram a este tipo de software social”.

MATERIAL E MÉTODOS

Posterior ao contexto teórico, que infunde o *Facebook* no meio educacional, fora realizada uma nova pesquisa bibliográfica para a captação dos 36 trabalhos que endossaram o trabalho de Machado, Silva e Martins Júnior (2016). Desse modo, fora dada sequência a investigação nos respectivos repositórios: Google Acadêmico, *Scielo* e Portal de Periódico da Capes, em conformidade com a temática, a qual desencadeou a inserção de 16 *papers* concernentes ao ano de 2016 e 20 *papers* atinentes ao período de 2010 a 2015.

Fazendo uso do método da Análise de Conteúdo de Bardin (2011), os resumos dos 36 trabalhos foram analisados, processados e categorizados em seis temáticas, conforme expôs a sessão anterior deste artigo.

A finalidade da elaboração das categorias foi compreender a diversidade do uso do *Facebook* na educação, principalmente como recurso didático de suporte ao professor. Assim, é possível afirmar o teor quali-quantitativo do trabalho, uma vez se assenta na discussão das possibilidades pedagógicas do montante de trabalhos captados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os 20 trabalhos do período de 2010 a 2015 estão assim divididos: 11 na 1ª categoria, 2 nas 2ª, 3ª, 5ª e 6ª categorias e 1 na 4ª categoria. Já os 16 trabalhos relativos ao ano de 2016 estão assim divididos: 6 na 1ª categoria, 1 nas 2ª, 3ª e 5ª categorias, 4 na 4ª categoria, e 3 na 6ª categoria.

Cada categoria é discutida de acordo com a terceira fase da Análise do Conteúdo (exame, inferência e esclarecimento), que interpretam as categorias de acordo com as discussões do analista.

Categoria 1 – O *Facebook* como ferramenta pedagógica

Demarca o uso do *Facebook* segundo sua visibilidade de plataforma (rede) social de entretenimento via possibilidades e potencialidades pedagógicas, haja vista seu caráter informal e de acessibilidade para a disseminação de informação e conhecimento. Compreende-se que tal rede contribui de forma interdisciplinar, dinâmica e diversificada no processo de ensino-aprendizagem, assim como é apta para suprir a necessidade de estudantes por intermédio de uma proposta metodológica que os apraz.

A esse respeito, Siemens (2006) enfatiza que

A aprendizagem é o processo de criação de redes. “Nós” são entidades externas que podem ser usados para formar uma rede. Ou “nós” podem ser pessoas, organizações, bibliotecas, sites, livros, jornais, banco de dados, ou qualquer outra fonte de informação. O ato de aprender (as coisas se tornam um pouco complicado aqui) é um de criação de uma rede externa de nós, onde nos conectamos e formar informações e fontes de conhecimento (SIEMENS, 2006, p. 29).

Almeida et al. (2000) endossam a ênfase supracitada acrescentando que

Cada aluno, quando trabalha em grupo, tenderá a articular as suas ideias com as dos colegas e organizará as suas opiniões, previsões e interpretações em função da atividade conjunta para dar a conhecer o seu pensamento. O benefício desta articulação surge quando os alunos tentam construir um entendimento mútuo e ultrapassar os obstáculos que se opõem à construção de um conhecimento partilhado, ou seja, nos desacordos entre colegas e nos seus esforços para resolvê-los (Almeida et al., 2000, p. 194).

Categoria 2 – O uso do *Facebook* na formação inicial do professor

Enfatiza a construção do saber a partir de novos veículos educacionais que complementam e enriquecem os tradicionais meios de ensino, estabelecidos principalmente nos cursos de licenciatura. Uma vez que prioriza a manifestação do conhecimento via interação mútua professor e aprendiz, o *Facebook* tornar-se um grande potencializador das relações estabelecidas, viabilizando a construção do conhecimento de forma cooperativista.

Marques, Vasconcelos e Bortoluzzi (2011) consolidam a constatação supracitada quando afirmam

O espaço virtual, quando utilizado como recurso educacional, deve ser capaz de integrar essa ludicidade com a educação, por meio de páginas criativas, que levam o sujeito a aprender de forma “divertida”, aprendendo sem as tensões normais do contexto “tradicional” de sala de aula. (MARQUES, 2011, p. 6).

Assim, é importante que o corpo docente esteja em constante capacitação para inteirar-se das eventuais mudanças corriqueiras providas da contemporaneidade, a qual agrega ao ensino as diferentes formas do desenvolvimento do aprendizado científico, social e cultural.

Categoria 3 – O uso do *Facebook* na Educação Básica

Traz à tona as afirmativas de Gomes (2008, p. 18, 20): “A existência da escola cumpre um objetivo antropológico muito importante: garantir a continuidade da espécie, socializando para as novas gerações as aquisições e invenções resultantes do desenvolvimento cultural da humanidade.” e “A Escola é um espaço de ampliação da experiência humana, devendo, para tanto, não se limitar às experiências cotidianas do estudante e trazendo, necessariamente, conhecimentos novos, metodologias e as áreas de conhecimento contemporâneas”.

Diante das afirmativas é possível refletir que, o uso do Facebook enquanto plataforma de ensino torna-se um indiscutível fornecedor de acesso ao público-alvo, atuante no atual cenário sócio tecnológico, bem como imprescindível veículo diferenciador de metodologias educativas.

A afirmativa de Sobrinho (2010) confere importância ao saber fazer que ocorre no meio educativo, que se apropria de diferentes recursos pedagógicos

No espaço-tempo escolar, além “das artes de dizer, das artes de pensar e artes do fazer” de caráter pedagógico — ensinar, avaliar, disciplinar, pesquisar, estudar — manifestam-se “mil outras ‘artes’ do dizer, do fazer e do pensar” inerentes à cultura contemporânea e motivo de estranhamento dos educadores que têm como referência o imaginário pedagógico de caráter iluminista (SOBRINHO, 2010, p. 6).

Categoria 4 – O uso do *Facebook* na área de Ciências Humanas e afins

Usar o *Facebook* em processos educativos inerentes às ciências humanas é algo plausível, haja vista que essa área do conhecimento possui por princípio epistemológico as relações sociais que se estabelecem ao longo das atividades exercidas pela humanidade.

Alves e Araújo (2013, p. 3) estabelecem que as relações socioeducativas podem ser motivadas e potencializadas quando se utilizam das tecnologias “[...] é absolutamente necessário analisar as práticas que realmente buscam aproveitar as potencialidades das tecnologias e reconfigurar as situações pedagógicas de ensino e de aprendizagem”. Segundo tal preceito, é

indubitavelmente necessário à implementação tecnologia no que diz respeito à ascensão do ensino.

Levy (1998) corrobora com tal assertiva

A mediação digital remodela certas atividades cognitivas fundamentais que envolvem a linguagem, a sensibilidade, o conhecimento e a imaginação inventiva. A escrita, a leitura, a escuta, o jogo e a composição musical, a visão e a elaboração das imagens, a concepção, a perícia, o ensino e o aprendizado, reestruturados por dispositivos técnicos inéditos, estão ingressando em novas configurações sociais (LEVY, 1998, p. 64)

Categoria 5 – O uso do *Facebook* na área de Ciências Naturais

Sabedores da existência dos atuais recursos tecnológicos que podem suportar o ensino, os discentes sentem-se desmotivados quando eles não são introduzidos na prática docente do professor, principalmente se o ensino for estritamente tradicional. É sabido que o ensino de ciências, por si só, é dotado de métodos de abordagem complexos e abstratos. Diante disso, o uso pedagógico do *Facebook* disponibiliza uma gama de oportunidades para auxílio à ensinagem científica, podendo disseminar a produção do conhecimento científico de forma dialogada, cooperativa e colaborativa.

Valente (1993) exemplifica uma boa oportunidade de integração entre escola, ensino e tecnologia, com foco na aprendizagem do aluno, a exemplo da científica. Na visão desse pesquisador, a preparação científica e tecnológica pela qual o estudante deve passar visa o seu desenvolvimento humano e profissional, numa simbiose que aproxima os espaços formal e informal de aprendizagem.

Levy (1999) complementa o espaço escolar com o tecnológico, apresentado diversas oportunidades educativas

O ciberespaço, dispositivo de comunicação interativo e comunitário, apresenta-se justamente como um dos instrumentos privilegiados da inteligência coletiva. [...] Os pesquisadores e estudantes do mundo inteiro trocam ideias, artigos, imagens, experiências ou observações em conferências eletrônicas organizadas de acordo com os interesses específicos. (LEVY, 1999, p. 76)

Categoria 6 – O uso do *Facebook* na Educação Superior

É coerente pensar que o professor é um dos principais agentes de mudança em espaços educativos, por isso é importante que se formem/capacitem de forma adequada. Essa formação

deve prepará-lo para uso profícuo das tecnologias, que a cada dia sofrem inovações, a exemplo das redes sociais.

Em conformidade com esta constatação, está a afirmativa de Behrens (2005)

O processo de mudança paradigmática atinge todas as instituições e em especial a educação e o ensino nos diversos níveis, inclusive e principalmente nas universidades. O advento dessas mudanças exige da população uma aprendizagem constante. As pessoas precisam estar preparadas para aprender ao longo da vida podendo intervir, adaptar-se e criar novos cenários. (BEHRENS, 2005, p. 68)

Desse modo, é urgente que a prática docente desenvolvida no meio educacional, em especial o acadêmico, propicie a inclusão digital, daí mais uma vez é reforçada a necessidade de que as políticas públicas sejam elaboradas, planejadas e executadas pelo poder público ao bem da educação superior. Essas reflexões são endossadas pela fala de Chalita (2001, p. 32): “O professor é o grande agente do processo educacional”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino promovido na educação brasileira deve ter por finalidade alcançar o educando, se possível transpondo limitações e barreiras do espaço físico da sala de aula. Desse modo, ao processo de ensino deverá ser incorporado o uso pedagógico das novas tecnologias digitais, ampliando a possibilidade de aprendizagem para além da sala de aula. Tal reflexão ficou exposta nas entrelinhas das seis categorias dispostas neste artigo.

Com o advento das redes sociais e a perspectiva de que o *Facebook* pode vir a funcionar como um ambiente de aprendizagem, a relação entre ensino formal e tecnológico pode torna-se um elo pedagógico, defendido nas palavras de Illera (2007, p. 117) quando diz que esses espaços virtuais tem o papel de: “Interligar um grande número de utilizadores num espaço comum de intercâmbio de mensagens”.

Ademais, o uso pedagógico de redes sociais em educação pode ser um meio oportuno para a partilha, o desenvolvimento do pensamento crítico e a construção do saber de forma cooperativa. Pensando assim, Braga (2013, p. 58-9) incentiva o uso da tecnologia para fins de aprendizagens diferenciadas, uma vez que ela traz “[...] para a prática pedagógica formas mais dinâmicas de implementar modos colaborativos [e] ou reflexivos de ensinar e aprender”.

Em se tratando do *Facebook*, Kirkpatrick (2011) afirma

O Facebook é trazer o mundo juntos. Tornou-se uma experiência cultural comum primordial para as pessoas em todo o mundo, especialmente os jovens. Apesar de suas origens modestas como o projeto da faculdade de dezenove anos de idade, tornou-se uma potência tecnológica com influência sem precedentes em toda a vida moderna, tanto pública como privada. (KIRKPATRICK, 2011, p. 92)

McLuhan (1974, p. 89) já dizia, no século passado, que: “O surgimento de uma tecnologia não ocorre por uma tentativa isolada do desenvolvimento técnico em si, mas sim por uma tentativa de transformar, reproduzir, e documentar as experiências do homem”. Seguindo tal ideal, entende-se que a rede virtual é um imponente veículo social, bem como um dispositivo de enriquecimento para as práticas educacionais, pois propicia uma maior conectividade em tempo real, disponibilizando a construção do saber interativo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C.; DIAS, P.; MORAIS, C.; MIRANDA, L. Aprendizagem Colaborativa em ambientes baseados na web. In: **Atas do V Congresso Galego-Português de psicopedagogia**, 2000. p. 193-202.
- ALVES, T. P.; ARAUJO, R. O Moodle e o Facebook como espaços pedagógicos: percepções discentes acerca da utilização destes ambientes. **Em teia**, v. 4, n. 2, p. 1-16, 2013.
- BEHRENS, M. A. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BRAGA, D. B. **Ambientes digitais: reflexões teóricas e práticas**. São Paulo: Cortez, 2013.
- CHALITA, G. **Educação – a solução está no afeto**. São Paulo: Ed. Gente, 2001.
- GOMES, N. L. **Indagações sobre currículo: diversidade e currículo**. In: BEAUCHAMP, J.; PAGEL, S. D.; NASCIMENTO, A. R. (Orgs.). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008, p. 1-48.
- ILLERA, J. L. Como as comunidades virtuais de prática e de aprendizagem podem transformar a nossa concepção de educação. **Revista de Ciências da Educação**, n. 3, p. 117-123, 2007.
- KENSKI, V. M. Memórias e formação de professores: interfaces com as novas tecnologias de comunicação. In: CATANI, M. S. D. et al. (Orgs.). **Docência, memória e gênero: estudos sobre formação**. São Paulo: Escritura Editora, 1997. p. 85-98.

KIRTPATRICK, D. **The Facebook Effect** – The Inside Story of the Company that is Connecting the World. New York: Simon and Schuster, 2011.

LEITE, W. S. S. Sociedade moderna e tecnologias na educação: reflexões e perspectivas sobre a realidade no Brasil. **Revista Liberato**, v. 15, n. 24, p. 105-212, 2014.

LÉVY, P. **A Máquina Universo: criação, cognição e cultura informática**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

_____. **Cibercultura**. (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 1999.

MACHADO, L. A.; SILVA, C. D.; JUNIOR, F. R. F. M. Levantamento bibliográfico de 2010 a 2015 sobre o uso do *Facebook* na educação. In: XXI Semana Universitária da UECE. **Anais...** Fortaleza, 2016. p. 1-21.

MARQUES, I. L.; VASCONCELOS, J. F. N.; BORTOLUZZI, V. **Espaço virtual de aprendizagem Mais Unifra: a rede social como espaço de aprendizagem**. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2011/cd/198.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2017.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões humanas**. São Paulo: Cultrix 1974.

PATRÍCIO, R. M.; GONÇALVES, V. **Facebook: rede social educativa?**. In: I Encontro Internacional TIC e Educação, 1. Lisboa: Universidade de Lisboa, Instituto de Educação. 2010. p. 593-598.

SIEMENS, G. (2006). **Knowing Knowledge**. 2006 Disponível em: http://www.elearnspace.org/KnowingKnowledge_LowRes.pdf. Acesso em: 02 mai. 2017.

SOARES, A. T. Redes Sociais e aprendizagem informal: empregando as perspectivas dos sites de redes sociais para compreender a aprendizagem social. In: AYRES, M.; CERQUEIRA, R.; SILVA, T.; DOURADO, D. (OrgS.). **#MídiasSociais: Perspectivas, Tendências e Reflexões**. Salvador: E-book, 2010, v. 1, p. 88-95.

SOBRINHO, A. F. O aluno não é mais aquele! E agora professor? A transfiguração histórica dos sujeitos da educação. **Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais**, Belo Horizonte, novembro de 2010. p. 1-18.

VALENTE, J. A. **Computadores e conhecimento: repensando a educação**. Campinas: UNICAMP, 1993.